

Palavras e narrativas na construção dos conceitos

Chega mais perto e contempla as palavras
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?

Repara:
ermas de melodia e conceito
elas se refugiaram na noite, as palavras.
Ainda úmidas e impregnadas de sono,
rolam num rio difícil e se transformam em desprezo.
[Carlos Drummond de Andrade - Procura da Poesia]

I - Introdução

É impossível falar sobre conceitos sem trazer ao discurso os elementos que compõem a cena na qual eles assumem o seu papel. É justamente nessa impossibilidade que reside o nosso interesse, pois o objeto do nosso estudo é a narrativa. Conceitos, razão, raciocínio, apreensão da realidade, percepção, palavra e significado são temas tão estreitamente relacionados que, ao tratar de um, obrigatoriamente, tratamos de todos. Nessa densa teia que se refere, em última instância, ao conhecimento humano, podemos inserir as narrativas, porém, são tantas as possibilidades de inserção, tantas as relações possíveis, tantas as metamorfoses provocadas, que convém explicitar algumas, sob pena de não alcançarmos a estabilidade temporária, imprescindível para a ação (Machado, 1995, p. 145).

II – Julián Marías: a circunstancialidade dos conceitos

Vimos que a razão é instrumento da verdade ou, em outros termos, que sua função é a apreensão da realidade em sua conexão, ou ainda – dando à palavra o seu sentido mais estrito – a compreensão da realidade. Mas havíamos visto antes que aquilo que chamamos realidade ou coisas já inclui a perspectiva e que um dos ingredientes da mesma é a temporalidade, ou de um modo mais concreto, a história. (p. 165)

Segundo o autor, se a função da razão é a apreensão da realidade em sua conexão, então o conceito é sua forma, uma vez que ao investigarmos os significados do termo seremos remetidos, justamente, às palavras *apreensão* e *conexão*: conceito quer dizer *concebido*, *con-ceptum*, ou seja, “*apreendido ou tomado com*”.

Enquanto a percepção, no sentido usual do termo, refere-se à apreensão de objetos de maneira isolada, sem referência a um contexto, o conceito se apresenta como “a única forma adequada de percepção da realidade”, já que permite a apreensão desta em sua complexidade, por incluir toda uma circunstância. Apreensão verdadeira é concepção, só é capturado aquilo que é concebido, o que leva o autor a concluir que a função racional realiza-se somente conceitualmente. Isto permite, inclusive, compreender porque os primeiros significados dos termos *logos* e *intellectus* referem-se a reunir, recolher.

Mas como a realidade é histórica, a razão deve adaptar seus instrumentos, inclusive o conceito, a essa característica. Assim, os conceitos ou são essencialmente individuais ou de uma “universalidade” particular. Antes de prosseguir, porém, vamos tentar esclarecer o que o autor quer dizer com *realidade histórica*. No que ela consistiria? Nessa realidade que nos é dada previamente e que, no fundo, é simplesmente uma teoria ou interpretação elaborada pelos homens e que, num certo sentido, é sempre provisória, pois será substituída por outras realidades a serem, ainda, construídas. Em outras palavras, um conjunto de crenças e opiniões não estabelecidas por nós, mas que utilizamos como estrutura para lidar com o mundo. Para nos darmos conta dessas teorias, é necessário que tenhamos uma visão histórica que nos permita perceber que elas são formadas a partir de reações humanas ocorridas em determinadas circunstâncias.

Retornando à questão dos conceitos, há dois casos a serem considerados. Em primeiro lugar, se eles correspondem a nomes próprios como César, Paris, Danúbio, Partenon – exemplos do próprio autor – eles são conceitos históricos, são os que significam a realidade de modo mais preciso, pois estão encharcados de circunstancialidade. Sua significação plena só pode ser atingida através de uma narrativa, pois há que se estabelecer sua localização espaço-temporal exata.

Em seguida temos os “conceitos universais referentes ao humano”: família, rei, cidade, revolução, linguagem, felicidade - também dados pelo autor - e que, por sua vez, só alcançam significação plena mediante a consideração de uma circunstância particular. Eles possuem, obviamente, um “valor constante”, mas é o contexto no qual se inserem que lhes confere o autêntico significado. Marías (p.167) aponta alguns exemplos para esclarecer seu ponto de vista:

...quando falo da família romana do séc. III A.C. ou da de Nova York de meados do século XX; quando falo do rei Felipe II ou do rei Eduardo VII; da Revolução francesa de 1789 ou da russa de 1917; da felicidade de um esquimó ou de Lord Byron. E não se trata das enormes diferenças entre os homens aos quais esses conceitos se referem, mas da diversidade radical dos próprios conceitos, daquilo que querem dizer ou significam;

Há algo no conceito que, ao se circunstanciar, se transforma para adquirir atualização conceitual e plenitude significativa: é o seu núcleo esquemático. Mesmo os conceitos associados às “realidades extrahumanas” têm esse caráter, uma vez que a circunstância os provê de suas significações, isso quer dizer, essencialmente, que é a realidade na qual eles se inserem que estabelece a narrativa dentro da qual eles serão interpretados.

Os conceitos possuem dois aspectos portanto, um deles se refere à sua significação plena, o outro se refere ao seu esquema formal, o abstrato do conceito, uma estrutura que lhe concede a dinâmica necessária para apreender uma realidade que está em permanente construção, que é histórica em sua essência.

III – José Antônio Marina: os conceitos vivos

La palabra está maltratada y como se fuera un dogma repetimos hasta la saciedad que una imagen vale más que mil palabras pero eso es falso y peligroso por que para explicar una imagen hay que hacerlo con conceptos, la imagen es una fuerza emocional que requiere ser explicada y aclarada con la palabra, hay que hacer un esfuerzo para sacar lo que hay metido dentro de ese concepto porque si no ni comprendemos los que vemos ni tampoco podemos convencer. (Comunidad Escolar, n.o 627)

A citação acima deixa transparecer a dupla função que Marina atribui à palavra: é através dela que se comunica a explicação de algo e é através dela que se consegue acessar o conteúdo de um conceito, seu significado. Se os elementos de uma imagem não podem ser nomeados, então sequer haverá a possibilidade de lidar com a informação proveniente deles. A palavra se coloca como uma ferramenta que permite o tratamento da informação que percebemos, deve-se isso ao fato do nosso conhecimento estar organizado lingüisticamente. Marina o compara a um catálogo cujo acesso é feito por meio da palavra: ainda que possamos fazer a descrição de um objeto qualquer, sem o seu nome fica impossível inclui-lo nesse sistema de referências.

Segundo o autor, esse signo, que é a palavra, representa um saber tácito que se constituiu (e constitui-se continuamente) a partir da própria experiência com a linguagem, um processo longo que envolve os usos das frases em situações concretas, a identificação de semelhanças, a apreensão de casos particulares, e que acaba por formar o que se chama de conteúdo semântico dessa palavra. Estes, por sua vez, são chamados por Marina de *conceitos vivos*, eles incluem não só as informações de natureza lingüística, como também as de natureza afetiva e perceptiva. Tal diversidade na composição dos conceitos é que permite a flexibilidade e eficácia da linguagem. É realmente excepcional o fato de podermos acessar todo esse conteúdo complexo através de uma simples palavra.

Um ponto importante se refere à organização dos conceitos vivos. Marina afirma que eles estão armazenados em nossa memória formando um dicionário mental poderoso. Eles podem ser divididos em *pessoais* e *sociais (ou mancomunados)* e a diferença entre ambos se explicita quase que totalmente através dos adjetivos que lhe são atribuídos. Os sociais resultam de um pacto semântico estabelecido de uma maneira difícil de ser investigada por deixar poucas pistas. Exemplos desses pactos podem ser observados entre os adolescentes: freqüentemente eles elegem palavras ou expressões que são usadas até a exaustão, num contexto diferente do habitual e que, de repente, somem deixando pouquíssimos vestígios do processo que instaurou o seu uso inovador. Estes acordos tácitos são necessários para que haja um consenso mínimo em relação aos significados das

palavras, dos seus níveis de precisão, caso contrário corremos o risco de não conseguirmos nos comunicar. Em suma, eles estabelecem uma representação semântica básica que consiste num núcleo estável, acrescido de franjas imprecisas que possibilitam uma ampliação do significado e a invenção de metáforas, esta é a estrutura dos conceitos sociais.

Quando se acrescenta aos conceitos vividos sociais um significado próprio, particular, eles se tornam conceitos vividos pessoais. É provável que o conceito de religião, por exemplo, queira dizer coisas diferentes para as diferentes pessoas que o utilizam, afinal cada um de nós tem uma vivência singular nesse campo. Sendo assim, é necessário um esforço interpretativo maior para esclarecer os diferentes sentidos que podem lhe ser atribuídos. É comum também um determinado conceito ser tema constante na obra de um escritor, somente uma análise cuidadosa pode desvendar os sentidos que se encontram além do seu núcleo semântico estável.

Para determinadas situações, no entanto, os conceitos vividos são demasiadamente imprecisos, podendo gerar confusões e, nesse caso, tanto a lexicografia, quanto a ciência, cada qual com seu propósito, desempenham a tarefa de reduzir os significados das palavras à suas definições, substituindo os conceitos vividos pelos chamados *conceitos ideais*. Com uma meta comum é natural que, em alguns momentos, exista o contato de ambas, o exemplo do autor se refere à cor amarela. Podemos utilizá-lo também tendo como fonte o dicionário Houaiss da língua portuguesa. Este traz, entre outras, as seguintes definições: a cor da gema do ovo, do açafraão, do ouro; cor que corresponde à sensação provocada na visão humana pela radiação monocromática cujo comprimento de onda é da ordem de 577 a 597 nanômetros. Na verdade, o caminho até os conceitos ideais começa com a experiência; esta se converte em significado; deste se passa para os conceitos vividos sociais e por último se chega aos conceitos ideais que aparecem nos dicionários.

Existem então, três níveis semânticos distintos, o pessoal, o social e o ideal que atuam de modo articulado quando colocamos uma palavra numa determinada frase, dentro de certo contexto, é esse o momento no qual o significado se transforma em sentido.

Um modelo de mundo se constitui a partir de nossas representações semânticas básicas, estas são organizadas, destacadas e analisadas através do léxico, que assim vai abrindo suas possibilidades e detalhando suas circunstâncias. O dicionário mental, a que nos referimos, nada mais é, portanto, que uma densa rede lingüística que contém nossa representação mental do mundo, mundo este marcado pela nossa vivência e subjetividade. Estruturalmente falando, tal dicionário não se parece com os dicionários tradicionais, pois sob uma palavra se encontram enlaces sonoros, situacionais e conceituais, fato apontado por Lúria, décadas atrás. O dicionário mental se assemelha mais aos dicionários eletrônicos em forma de hipertexto, onde as palavras estão associadas, simultaneamente, a sons e imagens. Marina explica (p. 66):

O dicionário mental forma uma rede lingüística que destaca e enlaça nossa representação mental do Mundo. Introduce ordem na confusão de nossas imagens. Ajuda-nos a criar trampolins semânticos, mediante os quais saltamos de um significado a outro. Nesta

conexão universal cada palavra ativa um pequeno campo – o significado –, mas o resto da memória está presente como som de fundo, como referência básica.

Tentando explicar como funciona nossa inteligência lingüística, Marina estabelece um paralelo entre as ações físicas e as lingüísticas. Segundo ele, falar e escrever ativam esquemas de ação comparáveis aos envolvidos quando participamos, por exemplo, de uma partida de tênis. Isso significa que não executamos passo a passo cada um dos movimentos necessários para rebatermos uma bola, eles compõem uma estrutura maior que opera globalmente. Isso ocorre também no nível lingüístico e pode estar relacionado com o fato de que as duas funções são controladas pelo hemisfério esquerdo do cérebro. Assim, as frases ditas ou escritas por nós chegam prontas à nossa consciência. Parece que através dos esquemas imprimimos um caráter analógico àquilo que é essencialmente digital, como um conjunto de palavras ou um conjunto de ações isoladas.

O interessante é que um esquema é ativado por um projeto, um plano inicial. Sucede-se então a execução de uma série de ações numa determinada ordem. Estas são comparadas continuamente com o plano prévio, o que conduz a uma avaliação que determina se as ações devem parar ou não. Seja qual for a tarefa a ser realizada, a estrutura: *planejar, ordenar, executar, comparar, avaliar e parar* é sempre a mesma.

Conforme já foi destacado aqui, Marina diz que um conceito vivido inclui mais do que palavras, pois apresenta também conteúdos de natureza perceptiva tais como as imagens. Imagens e palavras, no entanto, são tratados por sistemas diferentes no cérebro. O que promove a unificação deles é a fantasia, apresentada pelo autor como algo que ultrapassa a imaginação. Imaginar é a capacidade de lidar com imagens nascidas na experiência perceptiva: depois de enxergá-las, nossa mente pode modificá-las, inventar outras a partir delas e movimentá-las. Por outro lado, quando estabelecemos relações a partir de um conjunto de sinais perceptivos, compreendendo toda uma situação, fazemos mais do que imaginar, pois utilizamos elementos de ordem afetiva, conceitual e inferencial. Nesse caso, podemos dizer que fantasiamos. A fantasia une, pois, o imaginário, o lingüístico e o afetivo, compondo um sistema generativo que está na base de nossa *capacidade narrativa* e que inclui, ainda, modelos de situações.

Na verdade, a inteligência lingüística opera através de esquemas narrativos. Eles nos permitem preencher lacunas, num caminho que leva do conhecido ao desconhecido. São esquemas de assimilação e produção, pois se reorganizam a partir das informações recebidas, além disso, eles interagem entre si constituindo modelos complexos. Segundo o autor (p. 124): “Estes ‘modelos narrativos’ são dinâmicos, quer dizer, produzem histórias, completam o processo a partir da informação recebida, fazem inferências e aventuram hipóteses”.

Nosso dicionário mental se organiza por meio desses modelos, cada uma das nossas representações semânticas básicas consiste numa pequena história que se revela a partir do desdobramento léxico, isto é especialmente observável no caso dos sentimentos. As estruturas narrativas são limitadas, como observou o folclorista russo Vladimir Propp, o que muda nas histórias

são os contextos. Acontece o mesmo com as representações semânticas básicas: elas têm estruturas parecidas, mas contam histórias diferentes.

IV - A narrativa e a produção dos significados: breve história dos esquemas¹

Ao estudar a memória, na década de 1930, o psicólogo inglês Frederic Bartlett, contrariando uma tendência predominante naquele momento, percebeu que o uso de materiais isentos de significados nos experimentos, como seqüências de sílabas sem sentido, não conseguiria trazer à superfície a fim de serem analisados, aspectos importantes envolvidos no processo de recordação. Já desconfiado de que a memória era uma construção sócio-cultural, e que o grau de envolvimento com o qual uma pessoa participa de um evento é decisivo em termos da qualidade de sua memorização, ele teve que procurar uma abordagem diferente para sua investigação. Curiosamente, a sugestão que resultou no novo método, posteriormente chamado de Método da Reprodução Serial, veio de seu amigo Norbert Wiener, o criador da Cibernética. Ao contar sobre as dificuldades que enfrentava em suas pesquisas envolvendo seqüências, Wiener lhe perguntou por que ele não usava o “russian scandal” que, para nós, equivale ao jogo do “telefone sem fio”. Assim sendo, Bartlett contava histórias não-convencionais a seus sujeitos e pedia que eles as recontassem em intervalos subseqüentes, o que se verificou então foi que as histórias, propositalmente estranhas para os padrões culturais ocidentais, eram reproduzidas com erros sistemáticos, até se estabilizarem, adquirindo a forma de um conto ocidental padrão.

A partir daí, Bartlett concluiu que a memória funciona a partir da formação esquemas (também denominados schemata), que seriam estruturas cognitivas abstratas, desenvolvidas e organizadas a partir das atuações do sujeito sobre o meio, e que compõem um sistema auto-reflexivo, fundamental para nossa cognição. Os esquemas são usados tanto para lidar com as ações que permeiam o nosso cotidiano quanto para compor o panorama das histórias que lemos ou escutamos. Se estas divergem totalmente deles, sua memorização será prejudicada, pois teremos a tendência de alterar alguns detalhes de seus conteúdos de modo a promover a aproximação de ambos. Se, por outro lado, a informação da história é consistente com alguns de nossos esquemas prévios, sua memorização é favorecida, além de se tornar mais precisa.

O esforço do homem para dar significado às informações “salta aos olhos” nas conclusões de Bartlett, suas palavras (apud Gardner, 2003, p. 130) confirmam:

A recordação não é a reestimulação de inúmeros vestígios fixos, sem vida e fragmentários. Ela é uma reconstrução, ou construção imaginativa, feita a partir da relação de nossa atitude para com toda uma massa ativa de experiências passadas... Assim, ela quase nunca é realmente exata, mesmo nos casos mais rudimentares de recapitulação mecânica, e

¹ Cf. Howard GARDNER, A nova ciência da mente, p. 129-31 e p. 138-42.

não é nada importante que ela o seja. A atitude é literalmente um efeito da capacidade do organismo de se voltar para seus próprios “esquemas” e é uma função direta da consciência.

Mas as pesquisas de Bartlett têm outro mérito, o de contribuir para a valorização da abordagem molar dos fenômenos psicológicos. Existem dois modos básicos de se conduzirem pesquisas no campo da psicologia cognitiva, o primeiro utiliza a análise molecular, cujo foco são as unidades de pequena escala. Um exemplo significativo desse tipo de tratamento é aquele dado ao estudo do processamento de informações, cuja metáfora fundadora é a do computador e seus bits. Supõe-se, nesse caso, que através do estudo das unidades e processos elementares, considerados mais simples, pode-se chegar à compreensão de estruturas de ordem superior, mais complexas. O segundo modo é o que aborda os fenômenos de grande escala, num longo intervalo de tempo, privilegiando a utilização de esquemas, estruturas e estratégias. Os pesquisadores adeptos dessa linha consideram esses elementos mais significativos para o entendimento da cognição humana, além de estarem mais próximos das ações desempenhadas cotidianamente. A inspiração para esse tipo de abordagem veio da psicologia da Gestalt.

Tratando mais diretamente da produção dos significados, em pesquisas na década de 1970, um outro grupo de estudiosos, comandado por John Bransford confirmou os resultados de Bartlett. Num experimento em que se ouvia separadamente duas sentenças: “As formigas comeram a geléia” e em seguida “As formigas estavam na cozinha”, o sujeito combinava as duas sentenças e dizia ter ouvido “As formigas comeram geléia na cozinha”. É como se a construção separada das frases não fosse levada em conta e o significado fosse ouvido diretamente. Outros estudos confirmaram o fato de que os sujeitos tratam as sentenças que ouvem de maneira interativa, inferindo a partir delas, desprezando os seus conteúdos individuais literais. Novamente esse modo de agir foi atribuído aos esquemas organizadores que, além de atuarem sobre as sentenças, parágrafos e histórias que escutamos ou lemos, atuam igualmente sobre outras formas de textos ou situações em que ocorre uma seqüência regular de ações determinadas. Todas as vezes que se resolve uma equação, por exemplo, nossa experiência em resolvê-la é enriquecida e nossa memória, para as próximas resoluções, também.

Os significados são produzidos narrativamente porque tratamos as informações que recebemos como tratamos as histórias que escutamos, não ponto-a-ponto, mas de modo global e de acordo com a nossa experiência prévia. As palavras de Bruner (1997, p. 60) são mais esclarecedoras:

“Eu introduzi o conceito de narrativa tendo em vista o fato óbvio de que ao entender os fenômenos culturais, as pessoas não lidam com o mundo evento por evento, assim como não lidam com um texto sentença por sentença. Elas esquematizam eventos e sentenças em estruturas maiores... Essas estruturas mais abrangentes fornecem um contexto interpretativo para os componentes que elas abrangem”.

IV – Ortega y Gasset: os objetos desejáveis

Los objetos que para el niño vitalmente existen, que le ocupan y preocupan, que fijan su atención, que disparan sus afanes, sus pasiones y sus movimientos, no son los objetos reales, sino los objetos deseables. (p.36)

Segundo Ortega, tudo que atinge a nossa alma provoca nela duas reações antagônicas: em primeiro lugar nossa razão se põe a trabalhar com o objetivo de conseguir uma representação mental exata do objeto, uma “cópia intelectual” dele. A realidade se permite conhecer através dessa ação mental, desse caminho trilhado por nossa mente, dessa história tecida segundo as leis da razão. Mas há ainda a outra reação, proveniente de nossa fantasia que, não se satisfazendo com a representação exata do objeto fornecida pela razão, quebra-o em pequenos pedaços, despreza alguns, seleciona outros para serem amalgamados com elementos de coisas distintas. Decompõe a realidade, conseguindo, desta maneira, um objeto novo, constituído somente pelo que se considera ser de maior valor: o objeto desejável. Assim sendo, a razão *descobre*, e a fantasia, conduzida pelo desejo, *constrói*.

Em muitos casos, não chegamos, sequer, a perceber a aura lendária que acompanha um objeto, isso vai depender de uma maior ou menor sensibilidade de nossa parte, porém uma coisa é definitiva: todo objeto, todo o mundo se oferece a nós nessa dupla condição: a histórica e a lendária, a real e a desejável. Não nos cabe optar, as duas estão sempre presentes, em maior ou menor grau. Há pessoas que possuem o poder de levantar o véu da realidade para deixar transparecer a face desejável das coisas, os professores certamente deveriam ser assim, ter o temperamento hiperpoético, como diz Ortega, mas nossa questão aqui não é essa. Na verdade, o que nos põem a refletir é a questão dos conceitos. Quando falamos sobre objetos e sua representação mental, estamos falando deles e, muito embora Ortega não trate disso diretamente em seu ensaio, ele serve de ponto de partida para o que aqui se pretende levantar. Se, ao longo de nossa existência, a razão *descobre* e a fantasia *constrói* é razoável supormos que os conceitos são formados a partir dos dois movimentos. A transformação do real (as coisas como são) no desejável (as coisas como deviam ser) pode ser traduzida como um jogo de forças entre a razão e a imaginação, a partir do qual os conceitos estão permanentemente em construção ao longo de nossa vida. A razão fabrica história, a fantasia fabrica a lenda, os conceitos são, pois, história e lenda. Seguindo esse curso poderíamos então dizer que os conceitos são narrativas, afinal estas contemplam, simultaneamente, a história e a lenda. Pode-se até argumentar dizendo que os conceitos matemáticos não possuem tal caráter narrativo, mas é Ortega (p. 37) quem afirma: “Enfim, a idéia mesma de ciência é uma lenda, um *desideratum* que nunca foi nem nunca será rigorosamente realidade”.

V – Conclusão

Pudemos observar, através deste breve percurso pelo universo dos conceitos, que as narrativas estão definitivamente ligadas à sua construção: algumas vezes lhes emprestam a

estrutura, noutras compõem a circunstância que permite a apreensão do significado em sua plenitude e ainda podem se apresentar como modelo para o funcionamento da nossa inteligência. Além disso, o fato de podermos contá-las em seqüências diversas, sem prejudicar seus significados, é inspirador para a sala de aula, no que se refere aos possíveis caminhos que ligam os nós na teia do conhecimento.

VI – Referências bibliográficas

BRUNER, Jerome. *Atos de significação*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

GARDNER, Howard. *A nova ciência da mente: uma história da revolução cognitiva*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

MACHADO, Nílson J. *Epistemologia e didática*. São Paulo: Cortez Editora, 2000

MARÍAS, Julián. *Introdução à filosofia*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1960.

MARINA, José Antonio. *La selva del lenguaje*: Editorial Anagrama, 1998.

_____. La palabra es la verdadera casa del hombre. *Comunidade Escolar – Periódico digital de información educativa*, Ministério de Educación y Cultura, Madrid, ano XVII, no. 627, 10/02/99.

ORTEGA Y GASSET, José. El Quijote en la escuela. *Revista da Faculdade de Educação*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 11-38, jan. 1993.

Júlian Marías: a circunstancialidade dos conceitos

- + Função da razão: apreensão da realidade em sua conexão
- + Realidade histórica
 - dada previamente
 - teoria ou interpretação
 - sempre provisória
 - adaptação do conceito
 - ◆ universalidade “particular”
 - ◆ individual
- + Conceito
 - significados do termo: “apreendido ou tomado com”
concebido, con-ceptum
 - constitui-se na *forma* da razão
- + Conceitos históricos
 - significam a realidade de modo mais preciso
 - designados por nomes próprios: César, Danúbio, Paris, Partenon
 - significação plena através de uma narrativa
- + Conceitos universais referentes ao humano
 - família, rei, cidade, revolução, linguagem, felicidade...
 - significação plena através de uma circunstância particular
 - possuem um valor constante, mas são radicalmente diferentes
 - o mesmo ocorre para os conceitos “extrahumanos” (mundo da natureza)
 - ◆ raio: cólera dos deuses, presságio ou fenómeno físico
- + Dois aspectos dos conceitos:
 - significação plena
 - esquema formal

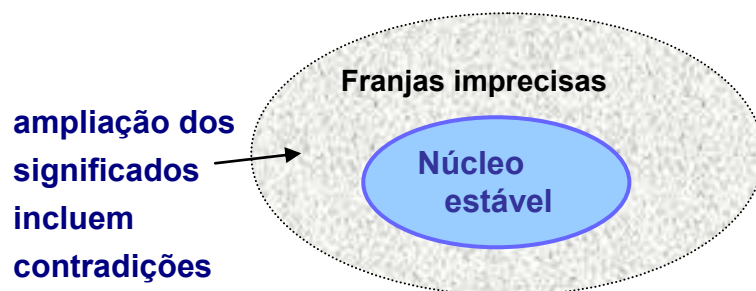
José Antonio Marina: os conceitos vivos

+ A palavra

- ferramenta que permite lidar com as informações que percebemos
- chave para acessar o conteúdo de um conceito
- representa um saber tácito constituído a partir da experiência: os conteúdos semânticos

+ Conceitos vivos

- informações de natureza lingüística, afetiva e perceptiva
- conceitos vivos sociais
 - ◆ acordos tácitos estabelecem uma representação semântica básica



- conceitos vivos pessoais

+ Conceitos ideais (lexicografia e ciência)

- redução dos significados das palavras às suas definições
- são construções artificiais
- exemplo: amarelo (Houaiss)
 - ◆ cor da gema do ovo, do açafrão, do ouro
 - ◆ cor que corresponde à sensação provocada na visão humana pela radiação monocromática cujo comprimento de onda é da ordem de 577 a 597 nanômetros

experiência → conceitos vivos sociais → conceitos ideais

- + Sentido de uma palavra ou expressão
 - interação dos três níveis semânticos

- + Conceitos vividos, imaginação e fantasia
 - imagens e palavras são tratadas por sistemas diferentes
 - imaginar: capacidade de lidar mentalmente com imagens
 - fantasiar:
 - ◆ capacidade de estabelecer relações a partir de um conjunto de sinais perceptivos, compreendendo toda uma situação
 - ◆ sistema que une o imaginário, o lingüístico e o afetivo
 - ◆ base de nossa capacidade narrativa

- + Dicionário mental
 - densa rede lingüística que contem nossa representação mental do mundo
 - assemelha-se, em estrutura, aos dicionários eletrônicos em forma de hipertexto (palavras, imagens e sons)
 - organizado por esquemas ou modelos narrativos

- + Esquemas
 - aproximação entre as ações físicas e as lingüísticas
 - ◆ frases chegam prontas à consciência
 - estrutura: **planejar, ordenar, executar, comparar, avaliar e parar** é sempre a mesma
 - esquemas ou modelos narrativos
 - ◆ preenchimento de lacunas, do conhecido ao desconhecido
 - ◆ “produzem histórias, completam o processo a partir da informação recebida, fazem inferências e aventuram hipóteses”

- + Breve história dos esquemas
 - As pesquisas de Bartlett
 - As pesquisas de John Bransford

Ortega y Gasset: os objetos desejáveis

+ Razão x fantasia

■ razão: fabrica a história

◆ representação mental exata do objeto

■ fantasia: fabrica a lenda

◆ quebra a representação mental exata do objeto

◆ compõe um objeto novo, com o que há de maior valor:

o objeto desejável (*desideratum*)

■ a razão *descobre*, e a fantasia, conduzida pelo desejo, *constrói*

◆ conceitos se constituem a partir dessa tensão, são história e lenda, são, portanto, narrativas...

Procura da Poesia

Não faças versos sobre acontecimentos.

Não há criação nem morte perante a poesia.

Diante dela, a vida é um sol estático,
não aquece nem ilumina.

As afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais não contam.

Não faças poesia com o corpo,

esse excelente, completo e confortável corpo, tão infenso à efusão lírica.

Tua gota de bile, tua careta de gozo ou dor no escuro
são indiferentes.

Não me reveles teus sentimentos,

que se prevalecem de equívoco e tentam a longa viagem.

O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia.

Não cantes tua cidade, deixa-a em paz.

O canto não é o movimento das máquinas nem o segredo das casas.

Não é música ouvida de passagem, rumor do mar nas ruas junto à linha de espuma.

O canto não é a natureza

nem os homens em sociedade.

Para ele, chuva e noite, fadiga e esperança nada significam.

A poesia (não tires poesia das coisas)

elide sujeito e objeto.

Não dramatizes, não invoques,
não indagues. Não percas tempo em mentir.
Não te aborreças.
Teu iate de marfim, teu sapato de diamante,
vossas mazurcas e abusões, vossos esqueletos de família
desaparecem na curva do tempo, é algo imprestável.

Não recomponhas
tua sepultada e merencória infância.
Não osciles entre o espelho e a
memória em dissipação.
Que se dissipou, não era poesia.
Que se partiu, cristal não era.

Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero,
há calma e frescura na superfície intata.
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.

Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam.
Espera que cada um se realize e consume
com seu poder de palavra
e seu poder de silêncio.
Não forces o poema a desprender-se do limbo.
Não colhas no chão o poema que se perdeu.
Não adules o poema. Aceita-o
como ele aceitará sua forma definitiva e concentrada
no espaço.

Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível que lhe deres:
Trouxeste a chave?

Repara:
ermas de melodia e conceito
elas se refugiaram na noite, as palavras.
Ainda úmidas e impregnadas de sono,
rolam num rio difícil e se transformam em desprezo.

Árvore

Raízes: subterrâneas ou aéreas ou aquáticas.

+

Tronco (ou troncos): com casca grossa ou fina, utilizáveis / não utilizáveis, marrom / cinza / prata, etc.

+

Folhas (ou acículas): perenes ou decíduas, verde escuro / claro / rosadas, etc.,

+

Copa: arredondada ou cônica, grande ou pequena, etc.

+

Reprodução: gimnospermas / angiospermas, etc.

+

Utilização: madeira / frutos comestíveis / decoração, etc.

O tigre de Borges

Em minha vida sempre houve tigres. Tão entretecida está a leitura com os outros hábitos de meus dias, que não sei, verdadeiramente, se meu primeiro tigre foi o tigre de uma gravura ou aquele, já morto, cujo obstinado ir e vir pela jaula eu observava, encantado, do outro lado das barras de ferro. Ao meu pai agradavam as enciclopédias; eu as julgava, estou certo, pelas imagens de tigres que me ofereciam. Recordo agora os de Montaner y Simón (um tigre siberiano branco e um tigre de bengala) e outro, cuidadosamente desenhado à pena e saltando no que parecia um rio. A esses tigres visuais se agregaram os tigres feitos de palavras: a famosa fogueira de Blake (*Tyger, tyger, burning bright*) e a definição de Chesterton: *É o símbolo de uma terrível elegância*. Quando, menino, li os *Jungle Books*, não deixou de me causar pena o fato de Shere Khan ter sido o vilão da fábula, não o amigo do herói. Queria recordar, e não posso, um tigre sinuoso traçado pelo pincel de um chinês que nunca havia visto um tigre. Esse tigre platônico se pode buscar no livro de Anita Berry, *Art for children*. A estes tigres da visão e do verbo, tenho agregado outro que me foi revelado por nosso amigo Currini, no curioso jardim zoológico cujo nome é Mundo Animal e que se abstém de jaulas.

Este último tigre é de carne e osso. Com felicidade evidente e apavorada cheguei a esse tigre, cuja língua lambeu meu rosto, cuja garra, indiferente ou carinhosa, demorou-se em minha cabeça, e que, à diferença de seus precursores, cheirava e pesava. Não direi que esse tigre que me assombrou é mais real que as formas de um sonho, mas quero agradecer aqui ao nosso amigo, esse tigre de carne e osso que os meus sentidos perceberam essa manhã e cuja imagem volta como voltam os tigres dos livros.

João Carlos vivia em uma pequena casa construída no alto de uma colina árida, cuja frente dava para o leste. Desde o pé da colina se espalhava em todas as direções, até o horizonte, uma planície coberta de areia. Na noite em que completava sessenta anos, João, sentado nos degraus da escada colocada à frente de sua casa, olhava o sol poente e observava como a sua sombra ia diminuindo no caminho coberto de grama. De repente, viu um cavalo que descia para sua casa. As árvores e as folhagens não o permitiam ver distintamente; entretanto observou que o cavalo era manco. Ao olhar mais de perto verificou que o visitante era seu filho Guilherme, que há vinte anos tinha partido para alistar-se no exército, e, em todo esse tempo, não havia dado sinal de vida. Guilherme, ao ver seu pai, desmontou imediatamente, correu até ele e, lançando-se nos seus braços, começou a chorar.

(Mary Kato, apud Koch, 1999)

João Carlos vivia em uma pequena casa construída no alto de uma colina árida, cuja frente dava para o leste. Desde o pé da colina se espalhava em todas as direções, até o horizonte, uma planície coberta de areia. Na noite em que completava sessenta anos, João, sentado nos degraus da escada colocada à frente de sua casa, olhava o sol poente e observava como a sua sombra ia diminuindo no caminho coberto de grama. De repente, viu um cavalo que descia para sua casa. As árvores e as folhagens não o permitiam ver distintamente; entretanto observou que o cavalo era manco. Ao olhar mais de perto verificou que o visitante era seu filho Guilherme, que há vinte anos tinha partido para alistar-se no exército, e, em todo esse tempo, não havia dado sinal de vida. Guilherme, ao ver seu pai, desmontou imediatamente, correu até ele e, lançando-se nos seus braços, começou a chorar.

(Mary Kato, apud Koch, 1999)

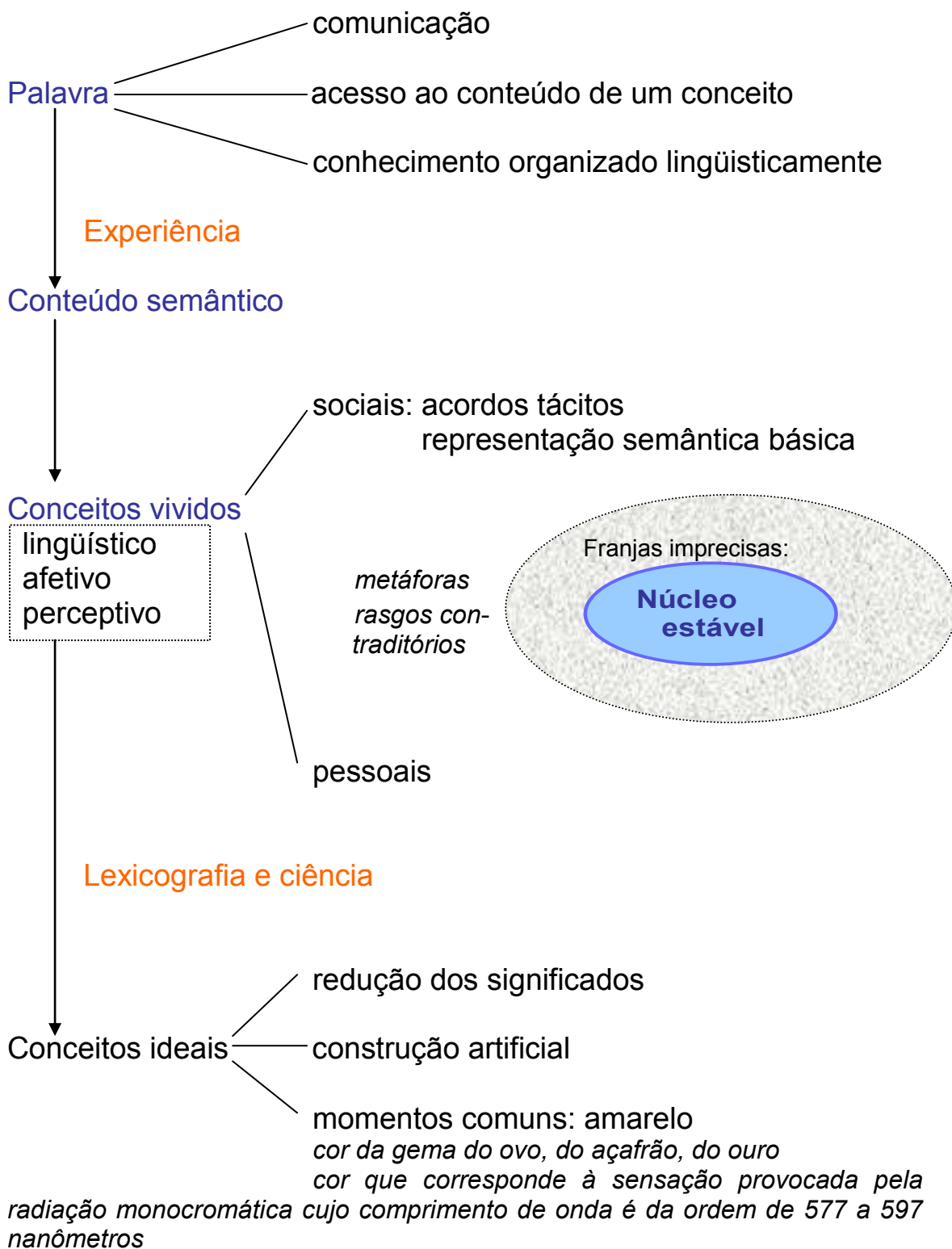
João Carlos vivia em uma pequena casa construída no alto de uma colina árida, cuja frente dava para o leste. Desde o pé da colina se espalhava em todas as direções, até o horizonte, uma planície coberta de areia. Na noite em que completava sessenta anos, João, sentado nos degraus da escada colocada à frente de sua casa, olhava o sol poente e observava como a sua sombra ia diminuindo no caminho coberto de grama. De repente, viu um cavalo que descia para sua casa. As árvores e as folhagens não o permitiam ver distintamente; entretanto observou que o cavalo era manco. Ao olhar mais de perto verificou que o visitante era seu filho Guilherme, que há vinte anos tinha partido para alistar-se no exército, e, em todo esse tempo, não havia dado sinal de vida. Guilherme, ao ver seu pai, desmontou imediatamente, correu até ele e, lançando-se nos seus braços, começou a chorar.

(Mary Kato, apud Koch, 1999)

João Carlos vivia em uma pequena casa construída no alto de uma colina árida, cuja frente dava para o leste. Desde o pé da colina se espalhava em todas as direções, até o horizonte, uma planície coberta de areia. Na noite em que completava sessenta anos, João, sentado nos degraus da escada colocada à frente de sua casa, olhava o sol poente e observava como a sua sombra ia diminuindo no caminho coberto de grama. De repente, viu um cavalo que descia para sua casa. As árvores e as folhagens não o permitiam ver distintamente; entretanto observou que o cavalo era manco. Ao olhar mais de perto verificou que o visitante era seu filho Guilherme, que há vinte anos tinha partido para alistar-se no exército, e, em todo esse tempo, não havia dado sinal de vida. Guilherme, ao ver seu pai, desmontou imediatamente, correu até ele e, lançando-se nos seus braços, começou a chorar.

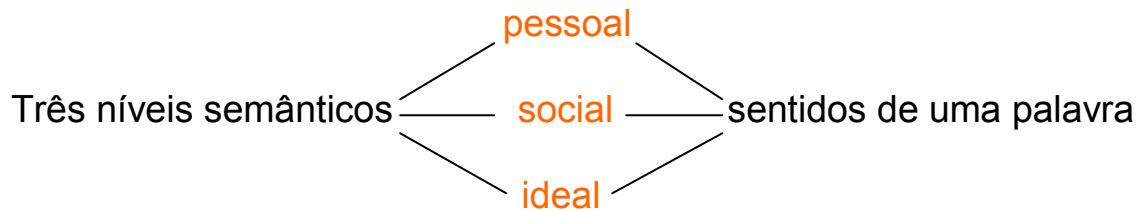
(Mary Kato, apud Koch, 1999)

José Antonio Marina: os conceitos vivos



experiência → conceitos vividos sociais → conceitos ideais

ex-perimentar: fazer uma viagem

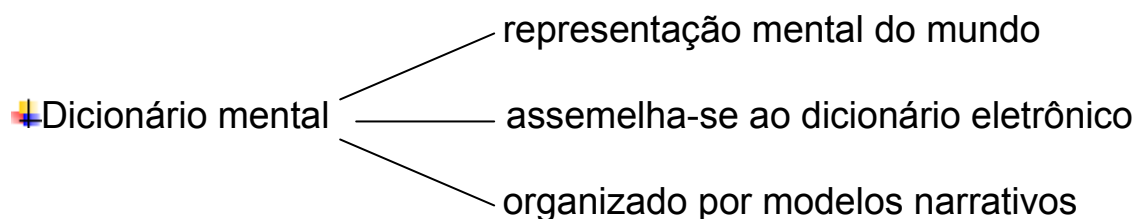
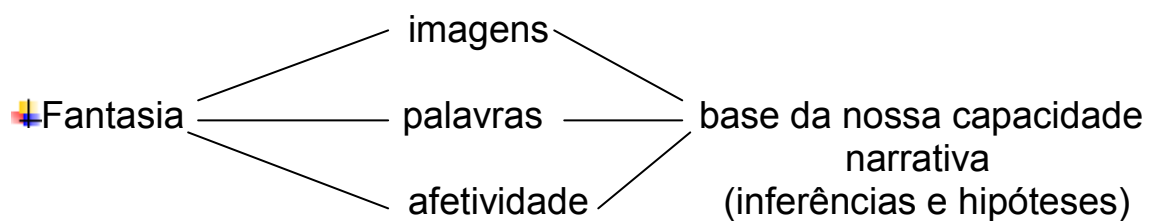


Conceitos vividos, imaginação e fantasia

✚ Imagens e palavras: tratados por sistemas diferentes no cérebro

✚ Imaginar: capacidade de lidar mentalmente com imagens

✚ Fantasiar: compreender algo a partir de um conjunto de sinais perceptivos



Genealogia da palavra razão (Júlian Marías)

VOEIV
(noûs, noeîn)



- ◆ ver, percepção visual
- ◆ perceber com a mente, pensar, considerar, refletir
- ◆ significar, querer dizer (palavras)
- ◆ razão ou intelecto
- ◆ sentido, desígnio, propósito
- ◆ apreensão da realidade fundada na metáfora da visão

λεγειν, λογος
(légein, logos)



- ◆ recolher, reunir
 - ◆ contar, enumerar, detalhar
 - ◆ dizer
 - ◆ chamar, denominar
 - ◆ significar ou querer dizer
- Cômputo ou conta:**
- ◆ medida, relação ou correspondência
 - ◆ razão ou proporção matemática
 - ◆ valor qualitativo de regra ou norma
 - ◆ explicação dos atos, motivo
 - ◆ argumento com que se explica
 - ◆ fórmula, definição, ato que a possui, pensamento, razão como faculdade
- Dizer:**
- ◆ narração ou relato (fábula, conto, lenda)
 - ◆ relato histórico
 - ◆ prosa em oposição à poesia
- Expressão verbal:**
- ◆ frase, dito, oráculo, provérbio (o que se diz)
 - ◆ aquilo que se diz: assunto ou tema
 - ◆ dizer, falar

Aristóteles: O homem é um animal racional.

A nuvem é essa forma que esquiva que vejo, atravessando o céu como um rebanho, um dromedário, um disco voador, mas é também a condensação do vapor d'água, o sinal da chuva ou da tormenta, a que proporciona sombra, uma lesão em um olho, a sutil brancura deixada nele por um pingo de leite.